



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

DÉBORA DOS SANTOS BARROS

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ AÇÚ:
UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Abaetetuba-PA
2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

DÉBORA DOS SANTOS BARROS

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ AÇÚ:
UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação e Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção parcial do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira

**Abaetetuba-PA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

B277p Barros, Débora dos Santos.
As práticas de leitura na comunidade ribeirinha do rio
Meruí Açú: Uma análise das relações de ensino e
aprendizagem no 6º ano do ensino fundamental / Débora
dos Santos Barros. — 2025.
43 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante
Ferreira
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba,
Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Educação . 2. Comunidade ribeirinha . 3. Práticas
de leitura . I. Título.

CDD 370.71

DÉBORA DOS SANTOS BARROS

**AS PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ
AÇÚ: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação e Letras, habilitação em
Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da
Linguagem, Campus Universitário de
Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como
requisito parcial à obtenção parcial do título de
Licenciado em Letras Língua Portuguesa
Orientador: Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante
Ferreira**

Data de aprovação ____/____/____.

Prof.
Orientador - UFPA

Prof
Examinador- UFPA

Prof.
Examinador- UFPA

ABAETETUBA-PA

2025

AS PRÁTICAS DE LEITURA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ AÇÚ: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso visa analisar o processo de ensino na comunidade ribeirinha do rio Meruú Açú, com foco nas práticas de leitura no 6º ano do ensino fundamental. A pesquisa busca compreender como o ensino da leitura é desenvolvido na comunidade escolar e quais são as adversidades enfrentadas pelos alunos ao construir significados a partir da leitura, considerando os contextos culturais e pedagógicos. Utilizando uma abordagem qualitativa, a pesquisa envolveu entrevistas com a professora e a diretora da escola, observação participante e análise de atividades desenvolvidas com a turma. Os resultados obtidos destacam a importância do contexto sociocultural para um processo de ensino eficaz na comunidade, revelando tanto desafios quanto potencialidades entre os alunos. Conclui-se que a contextualização e a valorização das práticas de ensino contribuem para um ensino mais rico e para o desenvolvimento educacional na comunidade. Além disso, a pesquisa evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que integrem as características culturais da comunidade ribeirinha para promover uma educação transformadora.

Palavras-chave: Educação. Comunidade ribeirinha. Práticas de leitura.

ABSTRACT:

This course completion work aims to analyze the teaching process in the riverside community of the Meruú Açú River, focusing on reading practices in the 6th grade of elementary school. The research seeks to understand how reading instruction is developed in the school community and the challenges faced by students in constructing meaning from reading, considering cultural and pedagogical contexts. Using a qualitative approach, the research involved interviews with the teacher and the school principal, participant observation, and analysis of activities carried out with the class. The results highlight the importance of the sociocultural context for an effective teaching process in

the community, revealing both challenges and potentialities among the students. It is concluded that contextualization and the appreciation of teaching practices contribute to richer education and the educational development of the community. Furthermore, the research need highlights the for pedagogical practices that integrate the cultural characteristics of the riverside community to promote transformative education.

Keywords: Education. Riverside community. Reading practices.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:	9
2.1 Concepções de leitura	9
3. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O CAMPO DA PESQUISA.....	15
4. EDUCAÇÃO RIBEIRINHA.....	18
5. METODOLOGIA.....	24
6. CONCEPÇÕES DE LEITURA E ENSINO E APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ AÇÚ	26
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERENCIAS.....	35
APÊNDICE A.....	37
APÊNDICE B.....	41

1. INTRODUÇÃO

O ambiente escolar representa um espaço de inúmeras possibilidades para o estudante. É um lugar essencial na formação do indivíduo, pois contribui significativamente para a construção do conhecimento de mundo e para o desenvolvimento de cidadãos ativos na sociedade. No entanto, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades em suprir as necessidades básicas da educação, especialmente as instituições públicas, que atendem uma diversidade de alunos, independentemente de seu local ou condição social.

Diante disso, cabe refletir sobre uma realidade ainda mais desafiadora: a das escolas ribeirinhas. Além de serem públicas, essas escolas enfrentam o agravante do isolamento geográfico, o que dificulta o acesso a recursos educacionais básicos. Diante dessas dificuldades, apresenta-se o seguinte problema da pesquisa: de que maneira ocorre o processo de leitura em turmas de 6º ano de uma escola ribeirinha?

A leitura é uma habilidade essencial para o desenvolvimento pessoal, social e emocional dos estudantes. Deveria ser uma prática acessível a todos. No entanto, as comunidades ribeirinhas enfrentam desafios que vão muito além das questões pedagógicas, como a falta de infraestrutura, escassez de materiais didáticos de qualidade e ausência de recursos tecnológicos que poderiam facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Em contextos como esse, a leitura torna-se ainda mais importante, especialmente no 6º ano do ensino fundamental, uma etapa marcada por uma significativa transição na vida escolar. A prática leitora contribui para a ampliação do vocabulário, aprimora a capacidade de expressão e favorece a comunicação cotidiana. Por meio das histórias e informações contidas nos textos, os alunos são estimulados a desenvolver o pensamento criativo, a refletir sobre diferentes realidades e a analisar criticamente situações tanto ficcionais quanto vividas.

Dessa forma, é essencial oferecer leituras que dialoguem com a realidade desses estudantes, abordando temas culturais, sociais e ambientais - como a fauna e a flora,

presentes em seu cotidiano. Em regiões como essa a diversidade textual e a aproximação com contextos familiares tornam a leitura mais significativa e atrativa.

Entretanto, o hábito de leitura ainda é pouco presente entre as crianças e jovens ribeirinhos, principalmente por falta de estímulo fora do ambiente escolar. Nesse cenário, a escola assume um papel fundamental na formação de leitores críticos e conscientes, capazes de formar opiniões que possam contribuir para com sua comunidade. Por isso, é imprescindível que os docentes incentivem essa prática, contribuindo não apenas para o desenvolvimento acadêmico dos alunos, mas também para sua formação social.

A atuação docente tem o poder de transformar a trajetória escolar e trajetória de vida do aluno, despertando nele o interesse do mundo leitor, que permite conhecer outras realidades. Trata-se de uma tarefa que o profissional pode realizar por meio da apresentação de uma diversidade de textos, os quais contribuem para o desenvolvimento da compreensão leitora e estimula o pensamento crítico dos alunos. Realização fundamental para evitar o desinteresse do aluno pelo estudo e, conseqüentemente, à evasão escolar - realidade comum em muitas comunidades ribeirinhas, onde muitos dos jovens acabam por não concluir os estudos.

Assim, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar as práticas de leituras em uma comunidade ribeirinha, identificando as principais adversidades pedagógicas enfrentadas pelos estudantes. Como objetivos específicos, busca-se (I) identificar as principais práticas de leitura para o desenvolvimento dos alunos em uma comunidade ribeirinha; (II) analisar as características pedagógicas no âmbito do ensino rural; e (III) promover práticas de leitura crítica nos alunos do 6º ano.

Espera-se, portanto, que este estudo possa contribuir para a compreensão não somente das limitações, mas também das vantagens do processo de ensino nas comunidades ribeirinhas, oferecendo subsídios que possam orientar para formação de leitores críticos e atuantes em sua realidade social.

No que se refere à organização, este trabalho encontra-se estruturado em quatro eixos: inicialmente, discutem-se as concepções de leitura, ressaltando sua importância na formação dos estudantes e seu papel na inserção social, fundamentando-se em autores como Paulo Freire, Yunes, Mizukami, Leffa, Foucambert, Falabelo e Leão. Em

seguida, aborda-se a educação ribeirinha, destacando os desafios enfrentados pelas escolas e a necessidade de práticas pedagógicas que contemplem o modo de vida da comunidade, tornando o processo educativo mais inclusivo. No terceiro momento, são apresentadas as concepções de ensino e aprendizagem na comunidade ribeirinha do rio Meruí Açú, evidenciando as práticas escolares voltadas ao processo educativo. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados da pesquisa, apontando caminhos para o fortalecimento das práticas de leitura na comunidade estudada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

2.1 Concepções de leitura

A leitura não ocorre somente na compreensão de um texto, ela está presente em um cartaz, uma propaganda, uma imagem que nem sempre carrega uma frase junto, mas que traz significados que são entendidos através da nossa capacidade de compreensão e interpretação de diferentes situações as quais são desenvolvidas em nosso cotidiano, porque ler é conseguir compreender o mundo ao nosso redor.

Para Miranda (2016) sempre nos deparamos com diferentes leituras desde nossos nascimentos, a leitura está presente no dia-a-dia do indivíduo, ela é presente na casa, na rua, e em todos os ambientes que possam ser frequentados por nós. E em todos devemos ser capazes de compreender e interpretar para assim termos sucesso nas práticas sociais.

Freire (2000, p. 21) afirma que "ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente passear sobre as palavras. " A leitura, nesse sentido, vai além da simples decodificação: ela é uma prática que desenvolve o pensamento crítico, estimula a imaginação e a criatividade, aprimora a capacidade de concentração, expande o vocabulário e contribui para a melhoria da escrita. Ler é uma maneira de acessar novos mundos e conhecimentos mesmo sem sair do lugar físico para alcançá-la.

Ainda segundo Freire (2001)

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade, a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar, buscar, criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. Ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão - da compreensão e da comunicação. (Freire 2001, p. 261)

A partir dessa perspectiva, a aprendizagem da leitura torna-se significativa quando visa à ampliação da compreensão crítica da realidade e à adoção de atitudes transformadoras diante do contexto social. Compreendemos que tal leitura não se resume à decodificação de palavras, mas envolve também a reflexão sobre os sentidos e as intenções que cercam o texto. Ela é instrumento de formação de cidadãos conscientes, capazes de interpretar e transformar o mundo em que vivem, possibilitando

para as pessoas novas dimensões de mundo, mostrando para elas diferentes linhas de raciocínio, os novos horizontes para serem acessados e explorados permitindo a elas a percepção da imensidão de ensino que a leitura permite que dão sentidos ao mundo como ressalta Yunes, (1995)

Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-la com palavras, gestos, traços. Ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo. (Yunes 1995, p.195)

Yunes salienta ainda o ato de ler como um exercício de sensibilidade e de inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas [...] A leitura, portanto, deve ser compreendida como um fenômeno social. Mais do que interpretar textos, o leitor reflete sobre sentidos e intenções, construindo significados e desenvolvendo consciência crítica.

Nessa mesma perspectiva, Koch e Elias (2008) compreendem a leitura como uma atividade sociointeracional de produção de sentido, em que autor, texto e leitor se inter-relacionam, cabendo ao leitor assumir papel ativo, mobilizando estratégias cognitivas e discursivas que favorecem tanto a compreensão da realidade quanto a elaboração de novos significados. Ler, portanto, constitui-se também como um exercício mental capaz de estimular a criatividade, a reflexão crítica e a construção de novas concepções de mundo. Conforme aponta Mizukami (1986)

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. (MIZUKAMI,1986, p.86)

A autora salienta que é por meio da leitura que o indivíduo desperta para a compreensão de sua cultura e das diversidades que o cercam, é através dela que o ser desperta outros olhares, novas perspectivas e pontos de vistas sobre um único assunto, é como ele consegue compreender a amplitude de possíveis caminhos que podem ser

seguidos. Nessa mesma linha de raciocínio (Freire,1989) diz que ler significa afirmar a existência do sujeito, sua história como produtor de linguagem e sua singularidade como intérprete do mundo que o cerca. Enfatizando que a importância da leitura sempre foi e continua sendo ressaltada para o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, assim como é enfatizado que a educação é a principal porta de acesso a toda essa expansão de conhecimento.

(Freire, 2000), entende, portanto, a educação como o processo que melhor prepara homens e mulheres para o mundo em constante transformação. Destacando a importância da leitura como ferramenta essencial na formação do sujeito, como um modelo de interpretar o mundo de forma ativa da realidade ao seu redor. O autor dá ênfase a um sujeito capaz de expressar sua própria identidade, capaz de realizar reflexões sobre diferentes pensamentos, pronto para dispor seu intelecto e colaborar com ideias e opiniões válidas e viáveis para com a sociedade.

Mas alcançar essa capacidade de expressão, de análise do que se tem ao redor não pode ser dita que é algo simples, pois a realidade é o contrário, é necessária uma caminhada constante com a leitura, criar um hábito dessa prática complexa e desafiadora de se consolidar. Desafiadora porquê ler na realidade a qual estamos inseridos nessa geração de tecnologias que tira a atenção das pessoas com muita facilidade, que proporciona distrações constantes é entrar em um “conflito” com nossos próprios pensamentos e desejos de estarem sempre conectados.

É pensando nessas circunstâncias que devemos entender que para que o hábito de leitura seja criado com mais facilidade é necessário inserir o contato com os livros e revistas desde cedo para que assim a prática seja alcançada com mais facilidade, proporcionando o processo de interesse pelo conhecimento e pelas histórias que os textos propõem. Além disso, é fundamental que o aluno seja inserido em um contexto que lhe permita se reconhecer como sujeito no tempo e no espaço, participando ativamente da construção de sentido do texto e da interlocução com o conhecimento.

Tarefa essa que não é simples que não basta tão somente o incentivo do professor em sala ou do papel da escola em colaborar para a prática de leitura realizando projetos que contribuem muito na formação do indivíduo, mas essa é também uma responsabilidade que diz respeito principalmente ao mediador inicial de toda criança- pai,

mãe, família de modo geral, cabe a esse primeiro ciclo social enfatizar o ato de ler, não permitindo escapar o sabor das palavras, a beleza que pode ser encontrada nas mais variadas histórias, despertando o estímulo necessário no educando desde os seus primeiros anos, o que é fundamental para a formação de sujeitos críticos, conscientes e participativos.

Nesse viés, Yunes (1995) ressalta o prazer como um longo aprendizado que precisa ser cultivado atentamente para descobrir as condições de produção. A autora compara a leitura com esse prazer como algo que deva passar pelo mesmo tipo de processo para assim alcançar o gosto pela prática de ler. No entanto, alcançar a compreensão plena de um texto não é uma tarefa simples. Trata-se de um processo complexo, no qual o leitor percorre diferentes níveis, dos mais básicos aos mais avançados, até estabelecer uma verdadeira afinidade com o texto. Como destaca Leffa (1996):

“A leitura é um processo ascendente. A compreensão sobe do texto ao leitor na medida exata em que o leitor vai avançando no texto. As letras vão formando palavras, as palavras, frases, e as frases, parágrafos. O texto é processado literalmente da esquerda para a direita e de cima para baixo” (Leffa 1996, p. 13):

Dessa forma, à medida que o leitor percorre as unidades mínimas do texto, o processo de leitura se desenvolve gradualmente, construindo segmentos que conduzem à compreensão global da mensagem. Segundo Freire (1989), “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre textos e o contexto. ” Assim, é fundamental que o leitor seja capaz de considerar o contexto em que o texto foi produzido, seja ele político, social, histórico ou cultural. Um leitor crítico é aquele que consegue identificar os elementos implícitos e explícitos no texto e compreende suas implicações.

Mas como despertar tal interesse em crianças e jovens das regiões ribeirinhas? Será que seria adequado seguir histórias “aleatórias” que não dialogam com suas vivências ou seria mais viável permitir a eles um acesso ao tipo de conteúdo que de certa forma possa oferecer narrativas que reflitam ao menos em parte, sua realidade?

Como bem afirma Paulo Freire (1989, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, ou seja, é

necessário que o interesse nasça a partir de histórias da própria realidade do indivíduo. Cabe aqui então, incorporar uma abordagem educacional que carreguem elementos culturais da região como por exemplo as lendas regionais, as quais despertam no leitor sentidos de curiosidade, de medo, de atenção nos fatos narrados conectando-o com o conteúdo.

São tipos de histórias que trazem uma ligação com o local de vida, que geralmente citam acontecimentos em lugares próximos e que conseguem despertar a curiosidade em conhecer outras histórias, servindo como porta de entrada para outros gêneros textuais, outros formatos e livros que vão colaborar com o início da caminhada para desvendar o enorme mundo dos leitores.

Narrativas essas que podem ser contos, fábulas, crônicas, poemas, textos informativos, narrativas de aventura, mistério, fantasia, entre outros que despertem o interesse dos estudantes. Uma diversidade que contribui significativamente para o desenvolvimento das habilidades de compreensão e interpretação, carregando a valorização da cultura local e a variedade de gêneros essenciais para formação de um leitor, Foucambert destaca que:

“Para aprender a ler é preciso, enfim, estar se relacionando com escritos dos mais variados, encontrá-los, ser testemunha do uso que os outros fazem deles, associar-se a eles, quer se trate de escritos da escola, do meio ambiente, do jornal, de documentos, de obras de ficção. ”
(Foucambert 1993, p. 45)

A citação de Foucambert evidencia a importância da convivência com uma ampla gama de textos que proporciona ao aluno acesso a diferentes formas de conhecimento, desenvolvendo estratégias diversificadas de leitura que envolvam e valorizem a compreensão individual de cada um.

Segundo Miranda (2016), oferecer ao estudante variedades de contato com gêneros textuais, de modo que o aluno consiga identificá-lo, é indispensável para a construção de sua autonomia discursiva e domínio de linguagem em diferentes contextos, pois, esse contato favorece ainda nas variadas manifestações de interação social, facilidade para o sujeito participar de diferentes comunicações sociais. (MIRANDA,2016).

Diante do exposto, é possível compreender que a leitura deve ser vista não como um mecanismo restrito para decodificação de palavras, mas como um processo que envolve o desenvolvimento humano através de reflexão, interpretação e interação não tão somente com o texto, mas com o mundo. Como é ressaltado por Falabelo e Leão (2016)

A leitura, em nenhum momento, pode ser vista pela criança como algo desnecessário, sem importância, uma obrigação, uma tarefa técnica realizada sobre pressão, mas sim como algo necessário, como arte e magia, que lhe possibilita nomear o mundo; como descobrimento, que abrirá caminhos para se alcançar objetivos, atingir metas, de forma dinâmica, livre, feita de acordo com suas necessidades, ampliando a dimensão sócio-cultural daquilo que chega a ela, ampliando suas competências e habilidades cognitivas, afetivas etc..(Falabelo e Leão,2016 p.231)

A leitura, portanto, deve ser vista como um caminho para construção de sentido e participação social, mas acima de tudo deve ser compreendida como um instrumento que possibilita a compreensão de si mesmo e que permite o desenvolvimento intelectual do aluno.

3. UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O CAMPO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pedro Hermans, fundada em janeiro de 1971 pelo padre da paróquia de Santana o qual a escola homenageia com seu nome. A princípio a escola era situada em uma casa simples e funcionava em forma de externato -sendo necessário pagamento para frequentá-la. Anos depois o senhor Manoel Joaquim Sousa, conhecido por Zinho Sousa doou um pedaço de terra para a construção de uma outra escola, está por sua vez contou com duas salas e já não havia a necessidade do pagamento, tornando-se de acesso livre para a comunidade. Em 2006 a escola foi novamente mudada de local, ano também no qual foi fundado o Sistema de ensino modular -SOME do 6º ao 9º ano do fundamental maior na escola. Sobre o SOME, Pinheiro e Borges nos situam que:

O estudo de Pereira (2016) nos informa que o SOME foi criado em 15 de abril de 1980, na gestão do governador Alacid Nunes, quando Dionísio Hage era secretário de educação do estado do Pará. Fundamentado na Lei n.º 5692 de 11 de agosto de 1971 que estabelecia as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e instituiu a educação de 1º e 2º graus, o SOME surgiu para atender às diversas populações camponesas nos rincões do Pará (Pinheiro e Borges 2020, p.564)

No ano seguinte, em 2007, a escola foi reconstruída e segue desde então em seu espaço atual. Situada às margens do rio Meruú-Açú, um dos oito distritos que compõem o município de Igarapé-Miri, no estado do Pará que segundo Pinheiro (2020, p. 13), “Igarapé-Miri surgiu em meio à floresta amazônica, às margens de um estreito rio homônimo, em uma região de difícil acesso”. O nome Igarapé-Miri significa “pequeno caminho da canoa” ou “caminho de canoa pequena”, denominação originada da característica geográfica do local - um canal estreito utilizado como via de navegação. Ainda de acordo com o autor, esses canais foram abertos de forma manual, com o objetivo de criar um caminho favorável ao comércio interno na antiga província do Grão-Pará.

Pinto (2021) destaca que o município é formado por oito distritos: Igarapé-Miri (sede), Maiauatá, Anapú, Alto Meruú, Meruú-Açú, Panacauera, Caji e Pindobal. Nessas regiões, os rios não apenas definem a geografia, mas também constituem as principais vias de transporte, sendo fundamentais para o deslocamento de pessoas e mercadorias.

Igarapé-Miri é também conhecida como “A capital Mundial do Açaí, produto amplamente cultivado e comercializado na região. Como destaca (SANTOS, 2018) “O município apresenta a economia mais voltada para o cultivo e extrativismo vegetal, principalmente do açaí devido ser o maior produtor do fruto no Brasil, tornou-se conhecido como “A Capital Mundial do Açaí” (SANTOS, 2018, p.15)

Barros e Cardoso (2024) enfatizam ainda que a cultura do açaí não é apenas fator econômico para a região, mas uma representatividade de valor local:

O açaí não é apenas um fator econômico para a região, pois carrega consigo um valor cultural e simbólico, onde se verifica que suas representações são constantes em festividades, lendas e músicas, e os ribeirinhos fazem questão de deixar explícito a importância do açaí para o local, haja vista que, é através dessas representações que se mostra a conexão entre moradores e a cultura do açaí. (BARROS e CARDOSO, 2024, p.67)

Posto isso, compreende-se que a produção do açaí é a atual fonte de renda da população mirenses que antes perpassou pelo extrativismo de madeira que foi a atividade que trouxe prosperidade para o município por atrair colonos portugueses para a região, passando assim de fábrica de madeira à cidade. Como destaca Pinheiro (2020)

A atividade madeireira trouxe prosperidade à localidade que passou a atrair colonos portugueses de outras localidades, que vieram com suas famílias e passaram a residir nas terras pertencentes à fábrica, surgindo assim, um povoado que foi elevado à Freguesia em 1752, à vila em 1845 e cidade em 1896, sempre fazendo homenagem ao pequeno rio que passa em frente a localidade: Igarapé-Miri. (Pinheiro,2020, p.19)

Posterior a fase madeireira, a cidade trouxe também a cultura do cultivo da cana de açúcar. Barros (2023, p.79) nos situa que: “ Igarapé-Miri, era um dos principais produtores da cana-de-açúcar, a região era predominante no cultivo da cana para a comercialização da cachaça”. A autora situa ainda que essa atividade trouxe, apesar do árduo serviço, empregos para os moradores locais tornando-se meio de sustento para as famílias.

A cidade é ainda berço de grandes músicos como: O rei do carimbó Pinduca, Dona Onete, a rainha do carimbó chamegado, Tony Brasil e vários outros artistas de prestígio regional. Nascidos na cidade que celebra suas culturas tradicionais como: O Festival do Açaí, o Festival do Camarão e a Festa de Nossa Senhora de Santana que atraem pessoas de outras regiões para o município, valorizando desta forma ainda mais a rica cultura do local.

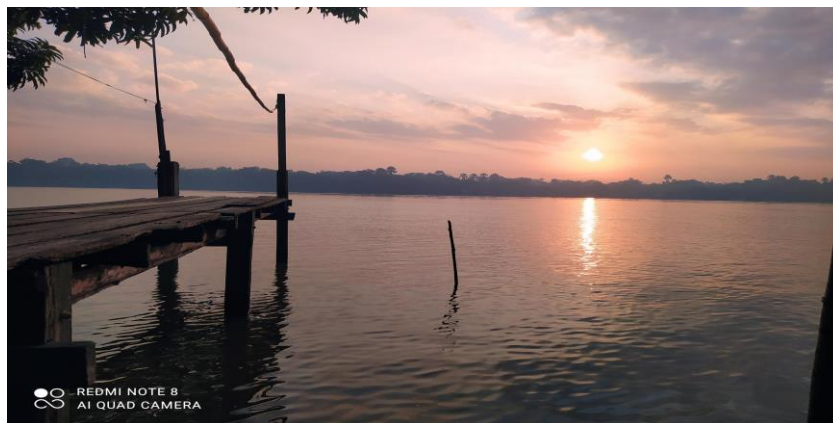


Figura 1 Rio Meruú Açu: Fonte: Própria autora



Figura 2 Escola. Fonte: Ana Paula Barros

4. EDUCAÇÃO RIBEIRINHA

Antes mesmo de falar sobre a educação ribeirinha devemos compreender quem são os povos ribeirinhos: compreende-se como população ribeirinha uma comunidade que vive às margens dos rios ou lagos e que tem a natureza como principal fonte de recursos para sobrevivência, que compreendem e valorizam a importância dos rios e matas, que tem uma rica cultura e conhecimento sobre o meio ambiente, são pessoas geralmente fortes, determinadas, cheias de vida que sabem lidar com desafios diários, também conhecidos por serem pescadores, agricultores e extrativistas.

Esses três grupos de pessoas geralmente apresentam particularidades, a exemplo: O pescador utiliza recursos aquáticos como a malhadeira (tipo de rede de pesca que serve para captura dos peixes, normalmente feita de nylon com uma boia na parte superior e chumbo na parte inferior), o agricultor faz uso do solo, plantando e colhendo, e o extrativista como o próprio nome sugere, extrai recursos naturais, podendo ser eles vegetais, minerais ou até mesmo animais. Cada diferença dessa é o que caracteriza cada grupo.

Mas os ribeirinhos carregam consigo o conjunto dessas características, ou seja, são capazes de lidar com todas elas, pois compreendem e sabem muito bem administrar cada particularidade porque são pessoas que deixam tudo dinâmico e fazem com que os saberes venham sempre auxiliar em alguma questão do cotidiano, em geral, são sujeitos que alcançaram o extraordinário ao saber lidar com o todo ao seu redor. Sabem lidar com o pescado, com a caça, com o cultivo e com os rios fazendo deles as principais vias de transportes e vias de aprendizado diário.

Nesse sentido, Lima (2013, p.98) sistematiza o modo de vida ribeirinho em três categorias de saberes, nas palavras do autor: “ saberes das águas, saberes da mata e saberes terra. ” O rio torna-se desde modo, rota de trabalho, de acesso à escola, fonte de alimentação e lendas para a comunidade. A terra é um espaço de moradia, serve para o plantio e colheita, que exigem o saber do tempo para investir e colher todo tipo de matéria prima desde os alimentos até os remédios. A mata também carrega significados, nela os ribeirinhos encontram os meios de produção local, dela são tirados os cipós para tecer paneiro, instrumento essencial para transportar todo tipo de produto, desde frutos como açaí, à alimentos como a caça.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que não são comunidades sem noção de educação, afinal a natureza ensina muito sobre as questões da biologia, da ciência e demais disciplinas curriculares, devemos compreender que é necessário somente uma linha de ensino que possa percorrer em suas realidades para o aprofundamento desses conhecimentos e também para apresentar outras características de ensino que são bases para a formação do cidadão. Posto isso, partiremos agora para o pressuposto inicial- a educação do povo ribeirinho.

Compreende-se que a educação ribeirinha está inserida no contexto da educação do campo, que valoriza os conhecimentos partilhados entre todos os alunos, com ênfase nos saberes populares e nas experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar - muitas delas transmitidas de geração em geração. Trata-se de uma proposta educativa que reconhece e respeita os saberes locais, valorizando a cultura e a identidade das comunidades.

A educação do campo, portanto, considera os sujeitos em sua totalidade. Como destaca Ziech "A educação do campo percebe os sujeitos em suas raízes, sua história, sua cultura, sua relação com o meio e com o coletivo, como aquele sujeito que busca a compreensão de si para, então, compreender o mundo." (Ziech 2017, p. 102) o autor ressalta que os alunos do campo são sujeitos formados por seus contextos específicos, e não meros receptores de uma educação urbana. A concepção de educação do campo surge, assim, como uma nova práxis: uma proposta educativa que parte das vivências locais e conecta o contexto rural ao global, respeitando as identidades e fortalecendo os vínculos comunitários.

Lima (2024, p.139) reitera que "A educação ribeirinha, ao considerar as especificidades locais e as necessidades desses povos, pode contribuir significativamente para a promoção da cidadania e melhoria da qualidade de vida."

Desta forma, a educação do campo propõe uma articulação mais estreita entre a escola e a comunidade, reconhecendo suas especificidades, desafios e potencialidades, com o intuito de proporcionar uma formação significativa e alinhada à realidade local. Trata-se de valorizar os saberes construídos no cotidiano, promovendo uma educação que dialogue com a vivência concreta dos sujeitos do campo.

Nesse contexto, como afirmam (JUNIOR e HAGE,2013. p.13)

É o diálogo sobre o açaí, sobre os rios, sobre os peixes, sobre as lendas, sobre a religiosidade, sobre a vida ribeirinha, dando a devida importância para as experiências cotidianas nos diversos lugares e espaços (rua, escola, casa, igreja, trabalho etc.), que vai aproximando os conteúdos disciplinares/escolares à realidade existencial e concreta dos educandos.

MIZUKAMI (1986) corrobora essa perspectiva ao afirmar que o processo educativo se desenvolve dentro de um contexto específico, o qual deve ser necessariamente considerado a prática pedagógica. Dessa maneira, a educação torna-se um ato significativo e transformador, à medida que se ancora nas vivências e na cultura dos sujeitos envolvidos.

Essa perspectiva evidencia a necessidade de políticas educacionais específicas para o campo adaptadas às realidades e demandas locais, como é estabelecido no artigo 28 da Lei de diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I-Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; (lei nº9.394/1996. p. 21)

Ressaltando assim o modo em que o contexto rural deva ser valorizado no ato de educar a população como o melhor caminho para a educação dessas comunidades. Hage e Junior citam que “é o diálogo sobre o açaí” justamente porque o povo ribeirinho é basicamente o maior degustador de açaí, o fruto está presente pela manhã, no tradicional mingau de açaí, no almoço e no jantar, muito valorizado como alimento diário, é algo que faz parte da vida da população rural, que tornou-se tão comum e essencial a ponto da polpa desse fruto ser inserida na degustação de merenda escolar, mas a grande questão é que não foi inserido uma metodologia voltada para situações constantes como essa na grade curricular e nos conhecimentos estudados diariamente, vemos que o fruto é sempre muito valorizado de maneira geral, mas o trabalho da colheita e o trabalhador pouco são citados.

Então uma pergunta que se possa fazer é: *qual razão justificaria essa falta de aprofundamento de um conteúdo tão presente na vida do ribeirinho?* O que pode ser dito para tal questionamento é o que é de conhecimento de muitos: sabemos que embora a educação deva ser um direito universal, a estrutura educacional historicamente priorizou os contextos urbanos, marginalizando o campo. O sistema educacional, em sua maioria, foi concebido a partir de paradigmas urbanos, o que muitas vezes resulta em práticas inadequadas para a realidade rural, com uma grade curricular que acaba não englobando as necessidades e especificidades do campo, lugar onde a natureza ensina muita coisa.

Como destacam Pinheiro e Borges 2020:

Na comunidade ribeirinha, a paisagem nos ensina sobre os conteúdos de ciência, biologia, língua portuguesa, matemática, química e o que mais se quiser no universo disciplinar do mundo da ciência. No entanto, no mundo dos camponeses ribeirinhos não se tem a preocupação em classificar ou encaixar um conhecimento neste ou naquele lugar. Tudo é dinâmico e todos os conhecimentos e saberes utilizados os auxiliam em alguma ação do cotidiano cultural. Os elementos que compõem essas demandas estão presentes em uma biodiversidade natural incrível, composta pela fauna e flora amazônica. (Pinheiro e Borges, 2020, p.571)

Os autores valorizam o modo de aprendizagem no campo e nos mostram que essa lógica de ensino que não valoriza a cultura e particularidades rural está de pouco a pouco sendo desafiada à medida em que o assunto é recorrentemente citado, ganhando destaques com os movimentos sociais do campo conquistando espaço nas agendas políticas e influenciando transformações no cenário educacional. Arroyo (1999) destaca que os movimentos sociais, por si só, já são educativos. A sociedade aprende por meio da ação, e não apenas por discursos ou planos a serem realizados. A ação, ao se tornar notícia, chama a atenção para questões que formam novos conceitos e visões. Nesse sentido, o autor afirma:

“A educação faz parte da dinâmica social e cultural mais ampla. Os educadores estão entendendo que estamos em um tempo propício, oportuno, histórico para repensar radicalmente a educação, porque o campo no Brasil está passando por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos extremamente dinâmicos.” (ARROYO, 1999, p. 15)

Tais ações são fundamentais para dar visibilidade à educação do campo e evidenciar que não se pode aceitar qualquer modelo educacional para as escolas rurais.

São movimentos que valorizam os saberes, as necessidades e os contextos específicos do campo, visando uma educação de qualidade, que realmente beneficie a comunidade; Trata-se de garantir às populações rurais o mesmo direito à educação de qualidade que se reivindica para os espaços urbanos.

As escolas ribeirinhas também necessitam de atenção e entendimento para uma boa educação, as reivindicações que ocorrem por transportes escolares, por alimentação de qualidade, e estruturas melhores para as escolas urbanas que são atendidas com mais atenção também são necessárias para as escolas rurais, são necessidades que vão além de um simples apelo para os órgãos responsáveis, é uma luta diária que ocorre há anos para que se possa ter acesso ao mínimo do que lhes é garantido por direito, mas que não é aplicado.

É a busca incessante por uma educação de qualidade, por fazer os valores de suas culturas, seus conhecimentos acerca da natureza e de tudo o que lhes cercam, do aprofundamento daquilo que já lhes é conhecido; pois essa expansão de conhecimento é rica em muitas coisas como: o tempo de caçar, tempo de plantar e de colher, tempo de investimento e tempo e retorno. São entendimentos que foram construídos ao decorrer de suas vidas e que são fundamentais para o dia a dia do ribeirinho, é necessário, portanto, uma escola que vincule a educação às questões socioculturais da região, como coloca (Fernandes,1999):

O que defendemos é a construção da escola que queremos. Não é de nosso interesse a cópia de modelos, importados, de escolas que não contribuem para compreensão de nossas realidades. Precisamos construir um projeto que vincule a educação às questões sociais inerentes à sua realidade. (Fernandes 1999, p.53)

A educação entra, nesse aspecto, como um apoio que não tão somente a população urbana necessita para lhes aperfeiçoar nesse mundo enorme cheio de possibilidades. O povo ribeirinho necessita dela para compreender ainda mais as coisas que os cercam, para ampliar seus conhecimentos prévios, para escolher o rumo a seguir na vida, podendo trazer novas possibilidades para comunidade ou para viver fora dela, em um outro contexto que também lhes é permitido, pois a educação de qualidade nos faz compreender o mundo a qual somos inseridos, ver sua enorme expansão e diferentes caminhos que podem ser seguidos por aqueles que os desejarem.

A escola do campo deve, portanto, assegurar a educação básica como um direito de todos - homens, mulheres, crianças e jovens que vivem no meio rural. Em outras palavras, é colocar a educação rural no lugar que lhe é de direito: no centro da luta pelos direitos sociais. Como afirma Arroyo, (1999, p.17), “a educação básica, como direito ao saber, direito ao conhecimento, direito à cultura produzida socialmente. ”

Nessa mesma perspectiva, Fernandes (1999, p. 52) corrobora essa ideia ao afirmar que “Uma escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população. ”

É a que valoriza os saberes construídos e repassados no grupo social familiar que são significativos na vida dos jovens que estão se apropriando desses conhecimentos e sendo estimulados a levarem a diante o saber tradicional ribeirinho. Bem como afirma Damacena, (2013, p.226), “os saberes desses sujeitos devem ser entendidos como a dimensão cognitiva de sua cultura, exigindo um estudo aprofundado sobre as formas de produção e de socialização”

Portanto, não necessitamos de uma escola de formato urbano que tenta propor a aprendizagem e conteúdos que não se adequam em sala, que não constroem um diálogo com o saber tradicional, mas de um espaço que entenda que a aprendizagem cotidiana é um processo de formação cultural e pessoal que está ligada às relações socioambientais da comunidade.

5. METODOLOGIA

Este trabalho consiste na observação do processo de leitura na turma do 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Pedro Hermans, localizada às margens do rio Meruú-Açú, no município de Igarapé-Miri, estado do Pará.

Para a realização do estudo, foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa, que permite maior flexibilidade na coleta e análise dos dados, além de possibilitar uma compreensão mais aprofundada do contexto observado, uma abordagem que proporciona contato direto do pesquisador com o ambiente e os sujeitos da pesquisa, favorecendo a construção de um conhecimento mais próximo da realidade vivida.

Diferente das metodologias quantitativas, que utilizam questionários e estatísticas, a pesquisa qualitativa prioriza instrumentos como:

“A observação participante, que cola o pesquisador à realidade estudada; a entrevista, que permite um maior aprofundamento das informações obtidas; e a análise documental, que complementa os dados obtidos através da observação e da entrevista e que aponta novos aspectos da realidade pesquisada” (Ludke e André 1986, p.9)

Essa metodologia é, portanto, caracterizada por seu modelo flexível, permitindo ajustes no decorrer da investigação e possibilitando ao pesquisador adaptar-se à realidade estudada. O objetivo central é compreender o contexto e as perspectivas dos participantes para alcançar uma análise mais rica e detalhada do objeto de estudo.

A pesquisa foi, portanto, realizada em três momentos, o primeiro foi para a visita na escola, para uma melhor observação do espaço, conhecer mais o local e entender o funcionamento da instituição. O segundo foi para a apresentação do projeto, momento em que foi realizada uma conversa com a diretora da escola, na qual a informei sobre o tema da pesquisa e sua relevância para a comunidade, conversamos ainda sobre a turma que gostaria de observar (6ºano), sobre a necessidade de participação mais frequente no espaço, bem como a realização de entrevistas e questionamentos que contribuiriam para a formulação do trabalho, na mesma ocasião pude ainda obter informações importantes sobre a fundação do espaço, conhecer a história da escola e compreender

como ela surgiu. Além de compreender mais sobre as necessidades educacionais que afligem a educação local.

O terceiro momento foi de observação da turma, no qual me foi proporcionado a oportunidade de participação nas aulas para melhor compreender os níveis de leitura dos alunos, e entender a didática utilizada no ensino e aprendizagem. Nesse momento foi possível realizar ainda a entrevista com a professora de língua portuguesa da turma e, posteriormente, com a diretora escolar. Como instrumentos metodológicos de pesquisa foram utilizados cadernos, celular e tablet.

Partindo destes pressupostos a conclusão do estudo foi construída com base nos dados coletados durante o processo de observação, nas entrevistas com os educadores e na análise dos materiais pedagógicos utilizados na escola.

- 1. NA SUA PERCEPÇÃO, QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES OU NECESSIDADES QUE OS ALUNOS DO 6º ANO APRESENTAM EM RELAÇÃO À LEITURA? COMO COMPREENSÃO, VOCABULÁRIO, INTERESSES ETC.**
- 2. VOCÊ DESENVOLVE ALGUMA ESTRATÉGIA ESPECÍFICA EM SALA DE AULA PARA O DESENVOLVIMENTO E ESTÍMULO DA LEITURA? (JOGOS, RODAS DE CONVERSA) poderia citar exemplos ou métodos?**
- 3. ATUALMENTE A ESCOLA DISPÕE DE ALGUM RECURSO DE LEITURA COMO BIBLIOTECA, SALA DE LEITURA, PROJETOS DE LEITURAS**
- 4. O ENSINO MULTISSERIADO É UMA REALIDADE NA ESCOLA, COMO É REALIZADA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA PRÁTICA?**

6. CONCEPÇÕES DE LEITURA E ENSINO E APRENDIZAGEM NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO MERUÚ AÇÚ

Quando tratamos sobre ensino e aprendizagem é fácil de compreender que as duas vertentes caminham juntas envolvendo tanto o ato de ensinar como o de aprender de maneira dinâmica para que os meios pedagógicos sejam utilizados na construção de conhecimento tanto de professores quanto de alunos. No momento de observação da turma um dos fatores que mais chamaram a atenção foi a dificuldade que os alunos carregam não tão somente na leitura, mas na escrita. Fator esse que não se dá pela falta de esforços do grupo escolar, mas sim por falta de espaços e profissionais que possam contribuir com a gestão e proporcionar meios mais adequados de ensino para a comunidade.

A falta de profissionais no espaço causa desvantagens para a escola desde os anos iniciais, onde os alunos que iniciam os estudos de 1° ao 5°ano do ensino fundamental na escola passam por turmas multisseriadas, que são constituídas por alunos de diferentes idades e de diferentes turmas de ensino em uma única sala com um único profissional que precisa conciliar os diferentes níveis em um único conteúdo de maneira a considerar que geralmente há alguns alunos com a aprendizagem mais avançada que outros, mas que o material a ser usado em aula precisa ser de igual sentido para todos, havendo dessa forma, compreensão e avanço nas aulas.

Sobre o sistemas de ensino a professora Ana¹ relata:

[...] Um dos pontos negativos que vejo na escola do sistema é que aqui os alunos o pessoal do primeiro ao quinto ano, são series multisseriadas e isso acaba atrapalhando muito, pode ser o melhor professor, mas ele não vai conseguir. [...] Ter um rendimento 100% porque são turmas superlotadas 28 quase 30 alunos. Aí claro que quando chega lá no 6°ano vamos ter esse impacto porque a base não foi bem preparada. Se a base tivesse sido bem preparada quando chegasse aqui no 6° teríamos alunos fluentes em leitura, e hoje não temos, infelizmente essa é a questão. [...] (ANA,2025)

O ensino multisseriado é um tipo de organização pedagógica que não permite ao professor manter uma sequência didática adequada para ser aplicada a todos os alunos, o profissional acaba sendo sobrecarregado precisando dividir seu tempo com diferentes

¹ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da docente entrevistada

séries o que dificulta o acompanhamento detalhado do avanço da escrita de cada estudante. Além disso, o profissional necessita atender as demais demandas da turma o que torna a realização da contínua produção em atividades de escrita e leitura mais difícil.

Considerando as características das escolas multisseriadas Damacena (2013) assinala que:

Esta identidade da escola multisseriada, representa parte significativa da realidade sociocultural do campo e da Amazônia, um contexto vivo de práticas e tradições culturais que desafiam os pesquisadores e educadores para estudos e práticas de educação diferenciados, uma vez que os sujeitos amazônicos e do campo são diversos e plurais[...] (DAMACENA, 2013.p. 225-256)

Por razões como essa, esse tipo de ensino muito comum em zonas rurais, acaba não sendo eficiente, pois grande parte dos alunos avançam de turmas sem antes estarem prontos para tal realização e acabam enfrentando dificuldades maiores conforme vão avançando de turmas, isso resulta em novas dificuldades nos anos seguintes. Algo que se reflete, por exemplo, nos alunos do atual 6º ano onde há alguns que segundo o relato da própria professora da classe, e das observações que foram realizadas na sala, apresentam ainda dificuldades em retirar o conteúdo escrito do quadro. Esse é um reflexo do processo de ensino que não é amplamente consolidado nos anos iniciais e que dificulta o papel do professor do 6ºano que geralmente não é um profissional que espera encontrar uma turma que esteja enfrentando tais desafios e que se vê forçado a recorrer a uma abordagem pedagógica que abarque todas essas adversidades que estão em grande destaque, como aponta a docente ao ser questionada sobre o domínio de leitura e escrita da turma;

“[...]hoje tem 12,13 anos que já estão repetentes a mais de três anos aqui. Então tem a repetência por conta de não haver o domínio em leitura e nem escrita e eu me deparei com isso a partir de agora desse momento, alunos que não conseguiam tirar do livro, não sabiam o que era uma letra de imprensa, uma letra cursiva. Eu senti muita dificuldade, hoje não. Não tinham domínio de margem na hora de escrever[...] hoje a gente está tentando intermediar. Outra coisa também, alunos que não conseguem escrever seu próprio nome, sabemos que a assinatura é algo importante. [...] hoje eu desenvolvo muito a escrita do livro para eles poderem

aprender o que é uma letra imprensa para uma letra cursiva [...]”
(ANA,2025)

Essas dificuldades vivenciadas e expostas pela professora Ana, dialogam com o que Perrenoud (2000) defende ao afirmar que a escola precisa abandonar a ideia de homogeneidade e trabalhar estratégias pedagógicas que partem da consideração das diferenças que os alunos apresentam. Tornando-se fundamental utilizar meios que permitam aos professores lidar com diferentes ritmos de aprendizagem sem comprometer o progresso individual de cada aluno. Em outras palavras, é necessário trabalhar com a diversidade, tarefa que exige ainda uma formação sólida e contínua por parte do professor.

Em um ponto central do comentário feito pela docente da turma, compreende-se ainda que a falta de profissionais capacitados é um grande fator que prejudica o desenvolvimento do ensino na escola que conta com uma sala multifuncional para ajudar a atender as necessidades dos alunos, mas a falta de educador qualificado acaba comprometendo o uso desse recurso que deveria colaborar no âmbito do ensino, o qual continua prejudicado.

A escola não tem nenhum projeto, nos outros anos anteriores a escola tinha uma coordenação pedagógica, muitos alunos tinham acompanhamento. Hoje a diretora se vê só, e apesar que a escola tem vários materiais que dá para ser desenvolvido, que inclusive até uma sala multifuncional, só que o que acontece é não tem uma pessoa para poder está desenvolvendo essas habilidades com os alunos, está faltando um profissional para poder atender as necessidades deles. [...]
(ANA,2025)

A partir da fala da professora Ana, percebe-se que a melhoria do ensino está diretamente ligada à questão de formação dos professores, ligada a necessidade de uma equipe multidisciplinar que esteja preparada para atuar e contribuir para a construção de um ambiente escolar acolhedor e propício a aprendizagem significativa. Nesse contexto, a docente enfatiza ainda a necessidade e urgência de iniciativas que possam valorizar a leitura e cultura local.

Acho que seria primordial seria um projeto voltado a leitura da escola, com um profissional específico para trabalhar em contra turno. Se a escola tivesse esse intermédio desse momento para trabalhar o contra turno, usando as mediações relacionadas as lendas regionais, aos contos

regionais, tudo relacionado para chamar a atenção como são feitos os projetos, seria muito mais interessante e eficaz para todos, iria ajudar tanto nós professores, quanto também e principalmente os alunos. (ANA,2025)

Ao dar destaque a importância das lendas e contos regionais, Ana dialoga com o que JUNIOR e HAGE (2013) afirmam ao abordarem em seus estudos a compreensão freiriana: “ a autonomia, na perspectiva freiriana ocorre [...] ao apresentar propostas educativas pensadas e articuladas com a perspectiva de construir uma educação sintonizada com os anseios da comunidade em que atua”. (JUNIOR e HAGE,2013. p.13)

Contudo, é preciso reconhecer que não basta as práticas pedagógicas serem adequadas ao âmbito cultural do aluno. Pois, se por um lado valorizar a cultura local ajuda a no fortalecimento da aprendizagem, por outro, a ausência do apoio familiar compromete diretamente esse processo. É necessário, portanto, participação da família, aspecto esse que evidencia um dos principais problemas da escola, pois, em grande parte, esse núcleo do aluno deixa a desejar o incentivo e reforço das atividades escolares em casa.

É constante na escola que os alunos voltem no dia seguinte sem realizar as atividades deixadas pelo professor na aula anterior, além da recorrência de estudantes chegarem sem portar consigo o livro didático das disciplinas, como reforçado na fala da diretora escolar Maria²:

Aqui, por exemplo os professores passam os trabalhos, as tarefas extras classe pra ajudar porque tipo assim, aqui são quatro horas de tempo, mas se o aluno lá na casa dele fizer mais uma hora, ele vai ajudar muito, mas de vinte alunos que levam a tarefa três, quatro traz a tarefa[...] Tem alguns professores que eles até colocam no grupo do 6º ano pra aceitar o trabalho, no grupo de pais, mas fez apenas o trabalho: fulano, fulano, fulano, eles não colocam os nomes do aluno que não fez, ele coloca daquele que fez porque se o pai for lá e olhar ele vai saber que o filho dele não fez, mas não surte. Então a gente sente uma dificuldade muito grande por parte dos pais, então eu acho que os pais precisam ter um compromisso maior porque filho não é só fazer e jogar[...] (MARIA,2025)

Os relatos evidenciam que a falta de engajamento familiar contribui no rendimento escolar e impacta na formulação de hábitos de estudo, além de comprometer a continuação das práticas pedagógicas que a escola tenta realizar para o fortalecimento

² Nome fictício utilizado para preservar a identidade da diretora escolar

do processo de ensino, colaborando assim para que o alunado chegue no 6º ano sem conseguir realizar muita coisa como por exemplo, um bom grau de leitura, questão enfatizada por Maria:

O que foi que levou a maioria dos alunos a chegarem no 6º ano sem ter um grau de leitura bom? É porque as leis hoje elas são ruins, quando alguns anos atrás, dez anos atrás o aluno obrigatoriamente ele tinha que aprender ler pra ele sair da primeira série. Agora a LDB diz que o processo de leitura dele pode ir até o 9º ano, aí o que acontece, o professor aqui da base acaba relaxando, o pai relaxa, o aluno relaxa[...] o professor diz aí não ele não aprendeu no primeiro ano, ele vai aprender aqui as vogais lá no segundo ele aprende as consoantes, lá no terceiro ele aprende... aí o que acontece ele acaba chegando lá no sexto ano sem conseguir ler frases complexas[...] (MARIA,2025)

Essa declaração enfatiza e reforça a compreensão de que o processo de aprendizagem depende de uma relação contínua entre família e escola. Esse “relaxamento” demonstra que a falta de apoio contínuo de pais e professor é o que fragiliza o ensino e permite o avanço do aluno sem a consolidação de suas habilidades e engajamento de leitura e escrita. A não responsabilização é, portanto, um dos fatores que mais prejudica o estudante, sendo ela provida pela ideia do profissional em só realizar o básico em sala de aula, ou sendo ainda, dos responsáveis familiar ao acreditar que educar é uma tarefa única e exclusivamente da escola.

Compreender que o apoio tanto escolar quanto familiar é essencial para o desenvolvimento do aluno, ajuda a entender melhor o impacto das práticas de leitura que são realizadas em sala, como a atividade observada, com base no conto *os sete corvos* dos irmãos Grimm presente no livro didático oferecido para a turma.

A história do conto trata de sete irmãos que foram amaldiçoados pelo próprio pai antes do batismo da única filha da família, transformando-os em corvos. A menina nasceu muito frágil e, pouco antes do batismo um dos irmãos foi encarregado com a tarefa de ir buscar água no riacho, na intenção de colaborar os outros irmãos foram juntos, mas na disputa pelo favor os meninos acabam por deixar o jarro cair e ser levado pela água, o fato deixa o pai muito aborrecido momento em que a maldição é lançada. Anos depois, a menina embarca em uma jornada longa para desfazer a maldição e reencontrar os irmãos, enfrentando no decorrer da história, muitos perigos e provocações até encontrar os meninos para então libertá-los da maldição e assim voltarem felizes e unidos para casa.

A leitura do conto foi realizada pela professora devido à dificuldade que alguns dos estudantes apresentam em ler de forma autônoma. Para a compreensão do texto, durante o processo de leitura, era ressaltado os acontecimentos marcantes do conto, sempre dando ênfase a uma fala de algum personagem ou a uma ação importante na construção de sentido da história, para que assim a classe pudesse aprender e guardar na memória os fatos essenciais da história.

Essa atitude da docente revela a preocupação e cuidado com os alunos que ainda não apresentam o domínio da leitura de textos escritos, além da percepção que ela obteve em relação à capacidade dos alunos em conceber a interpretação por meio dos principais acontecimentos apresentados, assim como por meio de leituras imagéticas-capacidade de interpretar, compreender e produzir sentido a partir das imagens, além disso, como enfatiza a professora em sua entrevista, a leitura de imagens facilita o processo de compreensão e interação com os conteúdos abordados.

“[...] No dia que fiz a leitura em conjunto com eles, um trecho, a leitura compartilhada, apesar que tiveram alguns que não conseguiram, mas só de mostrar a imagem eles interpretaram e fizeram as atividades através das imagens, então em relação a oralidade eles não tem aquele receio de estar se comunicando, agora com relação a leitura e escrita é um pouco mais complicado. [...]” (ANA,2025)

A fala da Ana deixa evidente sua preocupação para adaptar as estratégias de ensino para a realidade da turma, mediante as dificuldades de leitura autônoma que parte dos alunos apresentam. Ao reconhecer e recorrer a outros tipos de leituras a profissional amplia a possibilidade de participação da turma e valoriza o conhecimento prévio de interpretação e inferência de acontecimentos que os estudantes são capazes de realizar a partir da leitura de imagens e conhecimentos de mundo. Essa prática remete à concepção de Paulo Freire (1989) que defende que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” o autor compreende que as pessoas constroem interpretações e sentidos por outros meios que não sejam tão somente a de leitura escrita, mas também das coisas ao seu redor. Evidencia-se, portanto, a importância de práticas pedagógicas que ressaltem a realidade concreta dos educandos para então promover, a partir dela, o desenvolvimento de leitura participativa.

No entanto, apesar da preocupação com a importância da leitura participativa, na prática observada, percebe-se ainda muito a predominância da abordagem de ensino

tradicional. Por exemplo, após a leitura do conto os alunos foram orientados a resolverem as questões da atividade, que também era oferecida pelo livro didático, questões que traziam enfoque às características do conto como: quem são os personagens principais e secundários, quais os acontecimentos mais marcaram a narrativa, e quais eram os espaços onde ela acontecia. Um tipo de abordagem que evidencia uma concepção de leitura mais tradicional, sem incentivo de interação do leitor com o texto de forma crítica, limitando-se a identificação de informações explícitas no texto. Nesse sentido, Moraes (2015) discorre que:

“O estudante é convidado apenas retirar do texto informações superficiais, pois a leitura é vista como um ato automatizado, mecânico. O leitor não busca esforços de compreensão ou reflexão sobre o texto, exercita, meramente, o mapeamento de informações.”
(Moraes,2015, p.11)

Desta forma, percebe-se que a prática de ensino adota uma abordagem que limita o desenvolvimento de habilidades de interpretação e reflexão dos alunos. A leitura passa a ser um processo somente de decodificação de localização de informações do texto, limitando a formação de leitores críticos, capazes de construir sentidos às narrativas, e consequentemente, restringe o desenvolvimento de uma leitura mais aprofundada.

Dada a análise, compreende-se, portanto, que é necessário pensar em estratégias de leitura que possam valorizar e favorecer significados para o estudante, e assim desenvolver neles competências que os preparem para articulação novas ideias, levando-os a uma postura participativa no processo de construção dos novos saberes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as dificuldades que as áreas rurais costumam enfrentar para adequar, incluir e manter crianças e jovens no processo de ensino aprendizagem, este trabalho buscou compreender como a escola da comunidade ribeirinha do Rio Meruú Açú trabalha o processo de leitura em turmas do 6º ano do ensino fundamental.

A pesquisa de campo, realizada por meio de observação, entrevistas e análise de conteúdos, proporcionou um resultado que indica uma prevalência de atividades focadas em decodificação e localização de informações, sem uma prática que possa favorecer uma reflexão crítica e interpretação de conteúdos.

Entende-se, portanto, que o melhor caminho para fortalecer o ensino da leitura na comunidade é estabelecer medidas pedagógicas que possam contemplar não apenas os primeiros anos de ensino fundamental menor, mas também o desenvolvimento de habilidades ao longo da trajetória escolar, visto que, há uma necessidade em alfabetização também dos alunos do fundamental maior, os quais como ressaltado no decorrer do trabalho, avançam de turmas sem terem o domínio completo de leitura e escrita.

Além disso, as entrevistas revelaram percepções distintas entre gestão e corpo docente relacionadas ao processo formativo dos profissionais da escola. Enquanto a professora destacou que há falta de profissionais capacitados para atuarem no ensino local, a diretora informou que a SEMED oferece, constantemente, cursos de formação continuada para o corpo docente. Essas distintas visões evidenciam que há ainda desafios para a aplicabilidade dessas políticas de formação continuada na escola.

Compreende-se ainda, que a escola precisa da contribuição dos responsáveis familiares para alcançar uma perfeita harmonia entre conteúdos pedagógicos e incentivo no processo de ensino, fato que conforme exposto anteriormente tem influenciado diretamente na falta de interesse do estudante, resultando em baixo desempenho escolar.

Assim, os resultados deste estudo indicam ainda que para fortalecer a prática de leitura a escola necessita de projetos educativos permanentes, conduzidos por profissionais qualificados e sustentados pelo envolvimento da comunidade. Tornando possível, desta forma, transformar a leitura e todo o processo de ensino em um caminho

para a formação de sujeitos críticos e participativos, que possam se tornar capazes de intervir ativamente em suas realidades e contribuir para a transformação social.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano / **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2.

BARROS, Ana Paula dos Santos. Igarapé-Miri: a Importância da Agricultura da Cana-de-Açúcar no Nordeste Paraense no Século XIX. In: LINK, Rogério Sávio; SOUZA, Sônia Ribeiro de; PACHECO, Alexandre (Orgs.). **Historias Amazônicas Cruzadas- Anais do VI Seminário Integrado de Ensino e Pesquisa em História e XXVI Semana de História**. Porto Velho: Karywa, 2023.

BARROS, Ana Paula dos Santos; CARDOSO, Jonas. Capital Mundial do Açaí: Desenvolvimento do Agroextrativismo do Açaí em Igarapé Miri (PA). In: SILVA, Ricardo Gilson da Costa; SANTOS, Tiago Roberto Silva; SILVA, Renata Maria da; SILVA, Viviane Vidal DA; FRANCO, Marcelo Horta Messias (Orgs.) **Territorialidades Amazônicas: Ciência Sociedade e Ordenamentos Territoriais: Caderno de pesquisas**. Porto Velho, RO: Temática Editora e Cursos; PPGG/ UNIR, 2024.

DAMACENA, Fabiola Aparecida Ferreira. Cultura, Identidade e Educação do Campo: Algumas Reflexões Teóricas. In: ABREU, Waldir Ferreira; OLIVEIRA, Damião Bezerra; SILVA, Érbio dos Santos (org.) **Educação Ribeirinha: saberes, vivências e formação no campo**. Belém: 2ªEd. GEPEIF-UFPA, 2013. p.215- 239.

FALABELO, Raimundo Nonato de Oliveira; LEÃO, Dionésia Sanches A mediação da afetividade em experiências teórico-metodológicas de leitura e escrita. Revista Margens, v.7, n 8. p. 225-248. 2016.

FOUCAMBERT, Jean. **Para uma política de leiturização dos 2aos 12 anos** In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 84, p.43-49, fev. 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo;4)

FREIRE, Paulo. **Carta aos professores**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 105, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

HAGE, Salomão Antônio Mofarrej; JUNIOR, Acyr de Gerone. **Ação pedagógica de professores em escolas ribeirinhas da Amazônia**. in. Revista Teias v. 14 n. 33, p.08-24. (2013): Dossiê Especial

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed., 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra- D.C Luzzato Editores, 1996

LIMA, Maria de Nazaré Teles de. **Educação ribeirinha**: desafios e perspectivas. *Interáreas Científicas em Educação, Sociedade e Cultura*, v. 3, n. 18, p. 129-143, jun. 2024

LIMA, Natamias Lopes de. *Cultura, Identidade e Educação do Campo: Algumas Reflexões Teóricas*. In: ABREU, Waldir Ferreira; OLIVEIRA, Damião Bezerra; SILVA, Érbio dos Santos (org.) **Educação Ribeirinha**: saberes, vivências e formação no campo. Belém: 2ªEd. GEPEIF-UFPA, 2013. p. 91-117

MIRANDA, Hamilton de Jesus. **Estratégias de Leitura como Instrumento na Formação do Leitor Competente**. 2016. 206. f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras- PROFLETRAS) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Yeda Silva. **Reflexões sobre as práticas de ensino da leitura em sala de aula**. 2015. 60 f. Monografia (Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares) – Universidade de Brasília – UnB, CFORM/MEC/SEEDF, Brasília, 2015.

PERRNOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**: convite à viagem. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. **Reflexão Sobre Currículo nos Anos Finais do Ensino Fundamental em uma Escola do Campo Ribeirinho na Amazônia Paraense**. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 16, p. 559-576, 2020.

PINHEIRO, Marinaldo Pantoja. **Pequeno Caminho da Canoa**: Historiografia do Município de Igarapé-Miri, Pará. 1ª edição- Gurupi, TO: Editora Veloso, 2020
PINTO, José. **Histórias da Histórias de Igarapé-Miri**. 1ª edição- Gurupi, TO: Editora veloso, 2021.

SANTOS, Márcia Bianca Souza dos et al. *Conhecimento tradicional do potencial do cacho de açaí para a produção de adubo orgânico na comunidade Rio Maiauatá, município de Igarapé-Miri/baixo Tocantins, Pará*. 2018.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. *Letras*, Curitiba, n.44, p. 185-196. 1995. Editora da UFPR

ZIECH, Márcia Eliana. **A educação do campo na perspectiva da educação popular**. *Contexto & Educação*, Ijuí: Editora UNIJUÍ, n. 32, p. 100-117, 2017.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A DIRETORA

1. O ENSINO MULTISSERIADO É UMA REALIDADE NA ESCOLA, COMO É REALIZADA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA PRÁTICA?

R: Aquelas disciplinas que a gente vê que elas ficam muito em discrepância, a gente orienta o professor a fazer o plano de aula separado. Aquelas disciplinas, aqueles assuntos, no caso que se completam, aí a gente coloca em meio termo. Tipo, tem um multissérie de quinto, de quarto e quinto ano, aí não olha esse assunto aqui daria para juntar e fazer que não ficasse nem muito leve para o quinto e nem muito pesado para o quarto. Trabalhar junto. Quando a gente vê que o assunto é bem diferente, aí nossa orientação é que seja feito um plano de aula separado.

2. O PROFISSIONAL QUE TRABALHA COM ELES É CAPACITADO PARA TRABALHAR COM ESSE TIPO DE ENSINO OU ELE NÃO APRESENTA OUTRAS CAPACITAÇÕES?

R: Ele é pedagogo e geralmente ele tem as capacitações que a SEMED oferece para esse tipo de trabalho, [...] é um profissional que entende lá do que ele vai ter que fazer

3. UMA PARTE DOS ALUNOS CHEGAM NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SEM TEREM DESENVOLVIDO UM BOM DESEMPENHO EM LEITURA E ESCRITA. UMA CARACTERÍSTICA QUE É DECORRENTE DO ENSINO MULTISSERIADO. QUAL FATOR VOCÊ ACREDITA QUE ESTÁ DIRETAMENTE LIGADO A ESSE PROBLEMA? SERIA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM, A CAPACITAÇÃO DO PROFESSOR OU ATÉ MESMO A FALTA DE COMPROMETIMENTO DA FAMÍLIA?

R: É na verdade é um pouco de cada coisa, tudo contribui porque assim o que que acontece. Um professor como ele tem duas turmas na sala de aula ao mesmo tempo, ele precisa, a capacitação ele tem porque tipo assim, ele faz o curso de pedagogia aí de vez em quando ele tá fazendo capacitação que duas por três os pais observam que olha o professor parou porque ele foi pra uma formação, entende? A SEMED geralmente está oferecendo formações, orientações e a gente aqui enquanto escola também só que assim, o que foi que levou a maioria dos alunos a chegarem no 6ºano sem ter um grau de leitura bom? É porque as leis hoje elas são ruins, quando alguns anos atrás dez anos atrás o aluno obrigatoriamente ele tinha que aprender ler pra ele sair da primeira série. Agora a LDB diz que o processo de leitura dele pode ir até o 9º ano, aí o que acontece, o professor aqui da base acaba relaxando, o pai relaxa, o aluno relaxa. [...] Quando eu fui professora de vocês, eu fazia de tudo pra que na primeira série vocês já saíssem lendo, eu botava plaquinha, fazia leitura na lousa, pintava e bordava. Hoje em dia não existe mais isso porque o professor diz ai não ele não aprendeu no primeiro ano, ele vai aprender aqui as vogais lá no segundo ele aprende as consoantes, lá no terceiro ele aprende... aí o que acontece ele acaba chegando lá no sexto ano sem conseguir ler frases complexas[...] Pra acabar de completar ainda recebemos aqui alunos de escolas que eles tem aula dois dias na semana, as vezes uma semana toda sem aula, a gente ainda tem isso porque

tem escolas ao redores que funcionam até o 5º ano, e aí acaba que o aluno acaba chegando cru aqui pra gente[...] então tem toda essa situação.

4. A ESCOLA TEM CONSEGUIDO PROFISSIONAIS SUFICIENTES PARA SUPRIR AS NECESSIDADES DE ENSINO? COMO VOCÊS LIDAM QUANDO FALTA UM PROFISSIONAL?

R: A situação é a seguinte, duas por três um professor adoece, aí diante disso [...] de imediato a gente faz um documento e envia para a secretaria de educação, aí a secretaria de educação ela pede pra gente aguardar um novo profissional. Uma coisa que aconteceu agora recente conosco foi que uma professora ela tinha dois vínculos, professora de educação física do sexto ao nono ano do primeiro semestre. Ela passou a primeira avaliação e ela foi obrigada a exonerar um, ela tinha dois vínculos, estado e município, e chega uma lei e diz que a pessoa só pode ter um vínculo e como era mais vantajoso pra ela ficar no estado, ela exonerou o município. Aí só pra vocês terem uma ideia, o professor de educação física só veio agora em agosto, o aluno não fez a segunda avaliação de educação física e nem estudou o último bimestre. Ela iniciou o ano, passou a primeira avaliação e exonerou e o aluno só agora em agosto recebeu o novo professor sendo que nós mandamos pra lá por baixo uns dois ou três documentos fazendo reclamação. Eu me respaldo enquanto coordenadora, agora quem lota é o Rh da secretária, a escola não tem nada a ver com isso porque lotação é Rh da SEMED a gente não pode fazer.

5. COMO VOCÊ DESCREVERIA OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ESCOLA NO CONTEXTO RIBEIRINHO?

R: Olha, os nossos desafios eles são muitos, demais. Começa com as questões de horário de aula, barqueiro, merenda escolar. [...] Direção de escola na zona rural é muito jogo de cintura, outra coisa, a merenda escolar ela vem, mas a gente tem a questões de energia e essa coisa toda, então a merenda escolar vem uma parte da SEMED, a não perecível vem da SEMED mesmo. E a parte perecível eles dão pra gente a requisição pra receber no fornecedor, então o que é que eu faço. Eu divido em duas, três entregas porque se eu trouxer toda carne, todo frango, todo o açaí, todo picadinho e um final de semana inteiro se energia ir embora, como a gente tá acostumado ficar dois, três dias ficar sem energia, vai embora. Então isso é mais um desafio, eu tenho que chegar pro fornecedor contar minha história e as vezes ele fala assim: professora eu não tenho como parar o fruteira, aí eu digo não faz o seguinte, pague uma e mande o resto eu me viro, eu pago. É um desafio enorme, não é como na cidade.[...] a gente faz de tudo para não faltar merenda, aqui na Padre Pedro é uma escola que raramente falta merenda porque eu faço assim, vem a merenda do dia mas eu vou nas salas eu vejo o tanto de aluno que tem, se eu não precisar usar três quilos de arroz eu uso dois, eu uso dois e meio vou usando de acordo com o número de alunos e isso me faz ter um saldo de merenda para iniciar o próximo semestre, porque olha por exemplo, a secretária de educação está se organizando pra começar entregar [...] Como são cento e poucas escolas na zona rural e tem escola de difícil acesso, que é Igarapé, a gente não sabe quando vai chegar a nossa aqui na Padre Pedro, mas não ficamos nenhum dia sem merenda porque vou lá

com o fornecedor e olha eu tenho tantos litros de açaí na sua mão tá aqui todinho, eu vou querer no início de agosto.

E ainda tem aquela situação do pai que tipo assim, alguns são interessados, ajudam nas tarefas de casa, mandam direitinho o aluno, mas tem pai que não, tem pai que o aluno vem se quisera gente tem que fazer buscativa, pegar o rabudo bater na casa do pai conversar com ele e falar que vai mandar o nome pro conselho tutelar, é uma situação.

6. E A COMUNIDADE, PARTICIPA DAS ATIVIDADES DA ESCOLA? COMO É ESTABELECIDADA ESSA RELAÇÃO?

R: Tipo assim, 100% dos pais, aqueles mais ativos mesmo que participa e tudo mais é 40% o resto a gente tem que ir atrás. Geralmente a gente faz uma reunião, é preciso está colocando uma coisa pra sortear pra ver se dá mais gente, entende? [...] nas festas eles vem porque tem brinde né, tem presente, mais é assim, a gente tem muita dificuldade, ainda mais que aqui na zona rural que tem a questão do açaí aí principalmente agora na época do verão é preciso a gente tá botando quente, olha vó e tem que mandar seu filho porque adolescente ele pode até ter um trabalho, mas se for de menor aprendiz pra alguma coisa da vida dele, não pode ser assim e tal, a gente tem que tá botando quente porque é bem complicado.

7. COMO O ENSINO DA LEITURA É TRABALHADO COM OS ALUNOS? A ESCOLA TEM ALGUM PROJETO QUE COSTUMA DAR CERTO?

R: Assim, a secretaria de educação, ela tem vários projetos e aí ela chama o professor, capacita e aplica o projeto e nós temos que fazer esse projeto valer, mas fora o projeto da secretaria de educação aqui nós temos o alfabetiza Pará, nós temos dois programas ou três de alfabetização da secretaria de educação, mas aqui nós temos também os nossos projetos de dentro da escola. Nós temos o cantinho da leitura, temos os projetos é aprendendo a ler brincando que a gente investe muito em material pedagógico, entende? Tipo alfabetos ilustrados, alfabetos emborrachados, cartas para ditado[...] então nós temos esses projetos aqui da escola, mas o projeto ele precisa ser trabalhado pela família, pelo professor e nós temos também os nossos programas de família é escola e comunidade que a gente chama esse pai pra conversar com ele, para ensinar alguma coisa pro pai, como aqui já tivemos o curso de penteados, de brindes, de pintura de casa, de barco, de confecção de materiais recicláveis e de arumã e miriti, que a gente trabalha a questão do paneiro que ainda é muito usado com o açaí [...] Então de certa forma a gente procura ajudar de todas as formas porque se de repente o aluno não querer mais avançar no estudo, porque isso existe é realidade, mas pelo menos ele aprendeu alguma coisa que dá pra ele ganhar algum dinheiro entende? E o pai também.

8. NA SUA OPINIÃO, O QUE MAIS AJUDARIA A MELHORAR O ENSINO AQUI NA ESCOLA?

R: Olha, o ensino, na minha opinião, o que tá precisando é um digamos assim, é um comprometimento maior por parte da família e do próprio professor que atua em sala de aula, porque o coordenador o diretor ele pode fazer de tudo para o barqueiro não faltar,

pra merenda não faltar, pra ter água, pra ter ventilador, enfim, mas a mola propulsora é o professor e a família. Aqui, por exemplo os professores passam os trabalhos, as tarefas extras classe pra ajudar porque tipo assim, aqui são quatro horas de tempo, mas se o aluno lá na casa dele fizer mais uma hora, ele vai ajudar muito, mas de vinte alunos que levam a tarefa três, quatro traz a tarefa[...] Tem alguns professores que eles até colocam no grupo do 6º ano pra aceitar o trabalho, no grupo de pais, mas fez apenas o trabalho: fulano, fulano, fulano, eles não colocam os nomes do aluno que não fez, ele coloca daquele que fez porque se o pai for lá e olhar ele vai saber que o filho dele não fez, mas não surte. Então a gente sente uma dificuldade muito grande por parte dos pais, então eu acho que os pais precisam ter um compromisso maior porque filho não é só fazer e jogar[...] A gente observa que aquelas crianças que a família apoia, que a família ajuda elas se desenvolvem muito melhor do que aqueles que não tem apoio da família, porque por exemplo vamos supor aqui; as operações fundamentais, a leitura e a escrita são processos. então digamos que hoje eu trabalhei as adições, trabalhei fiz tudo e tal, mas eu quero passar um exercício extra para complementar esse conhecimento, o aluno simplesmente chega lá nem tira o caderno da mochila, volta do mesmo jeito, quer dizer o pai não perguntou se tem algo, e eles sabem que tem porque em reuniões e no grupo da escola a gente diz: olha todo dia o filho de vocês leva um trabalho para exercitar em casa para melhorar e o trabalho da criança volta em branco, o adolescente chega e fala que esqueceu, que não teve tempo entende. [...] O livro é outra luta[...] os professores colocam lá, eles dizem amanhã por favor os alunos tragam o livro tal e tal e tal, aí ainda tem aluno que não traz.

APÊNDICE B- ENTREVISTA COM A PROFESSORA.

1. NA SUA PERCEPÇÃO, QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES OU NECESSIDADES QUE OS ALUNOS DO 6º ANO APRESENTAM EM RELAÇÃO À LEITURA? COMO COMPREENSÃO, VOCABULÁRIO, INTERESSES ETC.

2.

R: No primeiro momento em que comecei a trabalhar aqui, é o primeiro ano que trabalho na comunidade né, e uma das diagnoses que logo percebi foi com relação ao conhecimento prévio das palavras complexas, percebi que muitos têm dificuldades. Também no desenvolvimento da escrita por não ter o habito de não ter, de não fazer por exemplo cópias, eles não são aqueles tipos de alunos que eu estava habituada a desenvolver cópias, alunos que levavam suas atividades para trazerem suas respostas. Então assim, uma das maiores dificuldades é que eles não têm o contato direto em colocar no papel suas percepções, suas respostas relacionadas a interpretação, criação de pequenas frases, criação de pequenos textos. Então hoje eu procuro trabalhar para poder fazer a minha diagnose em relação a isso.

3. VOCÊ DESENVOLVE ALGUMA ESTRATÉGIA ESPECÍFICA EM SALA DE AULA PARA O DESENVOLVIMENTO E ESTÍMULO DA LEITURA? (JOGOS, RODAS DE CONVERSA) poderia citar exemplos ou métodos?

R: Não, tenho uma prática específica porque não sou alfabetizadora, trabalho na área de língua portuguesa, mas na verdade para poder haver um bom rendimento para eles deveria se fazer um trabalho, um projeto relacionado a desenvolver a alfabetização desses alunos que hoje tem 12,13 anos que já estão repetentes a mais de três anos aqui. Então tem a repetência por conta de não haver o domínio em leitura e nem escrita e eu me deparei com isso a partir de agora desse momento, alunos que não conseguiam tirar do livro, não sabiam o que era uma letra de imprensa, uma letra cursiva. Eu senti muita dificuldade, hoje não. Não tinham domínio de margem na hora de escrever[...] hoje a gente está tentando intermediar. Outra coisa também, alunos que não conseguem escrever seu próprio nome, sabemos que a assinatura é algo importante. [...] hoje eu desenvolvo muito a escrita do livro para eles poderem aprender o que é uma letra imprensa para uma letra cursiva [...] na verdade, eu percebi em algumas atividades que desenvolvi diferentes, há uma tradição, para mim poder obter bom êxito tenho que trazer atividades atrativas para que eles possam interagir, possam desenvolver essa habilidade né que muitos têm, mas não desenvolvem. Foi isso que percebi, tem que ser algo diferenciado para ver se eles desenvolvem a parte da escrita e leitura, no dia em que trabalhei a história em quadrinho com eles percebi que a imagem chamou a atenção deles para que eles pudessem fazer a atividade deles[...] já trouxe um filme que trabalhei com eles, foi muito legal, no dia que trouxe material para desenvolver a parte dos cartazes de linguagem verbal e não verbal também percebi, no dia que fiz a leitura em conjunto com eles, um trecho, a leitura compartilhada, apesar que tiveram alguns que não conseguiram, mas só de mostrar a imagem eles interpretaram e fizeram as atividades

através das imagens, então em relação a oralidade eles não tem aquele receio de esta se comunicando, agora com relação a leitura e escrita é um pouco mais complicado.

4. EM RELAÇÃO A CONTEÚDOS QUE SÃO REFERENTES AO DIA A DIA DELES. ELES APRESENTAM UMA FACILIDADE MAIOR EM COMPREENSÃO?

R: Sim, fatos, vocabulários por exemplo. Quando trabalho uma narrativa que é para contar um fato vem várias ideias, tudo o que eles vivenciaram de anterior ou dias anteriores é como se fosse algo assim, novidade para eles, aí um quer saber o que o outro passou, é como se fosse se fosse um momento de informação de interação, geralmente gosto de usar esses termos porque eles precisam se aperfeiçoar em uma nova forma de se comunicar, eles não podem simplesmente falar como estão acostumados “ olha foi fofoca” não vamos interagir, é uma conversa. Usar esses vocabulários para que eles possam ter esse domínio, essa percepção[...]

5. ATUALMENTE A ESCOLA DISPÕE DE ALGUM RECURSO DE LEITURA, COMO BIBLIOTECA, SALA DE LEITURA, PROJETOS DE LEITURAS?

R: A escola não tem nenhum projeto, nos outros anos anteriores a escola tinha uma coordenação pedagógica, muitos alunos tinham acompanhamento. Hoje a diretora se vê só, e apesar que a escola tem vários é materiais que dá para ser desenvolvido, que inclusive até uma sala multifuncional, só que o que acontece é não tem uma pessoa para poder está desenvolvendo essas habilidades com os alunos, está faltando um profissional para poder atender as necessidades deles. [...] Posso dizer que de 14,15 alunos 8 conseguem, um pouco mais da metade, mas os outros não conseguem ter esse contato, esse domínio, essa compreensão agora que eles estão começando a se familiarizarem para poder ter esse domínio. [...] uma das outras coisas que sinto muita dificuldade é a dos responsáveis, é uma das grandes batalhas que estamos enfrentando, inclusive até com as atividades avaliativas que nós passamos e não vem, aí a gente percebe que na casa os pais eles não têm essa responsabilidade de cobrar, [...] se você quiser ter bom êxito nas tarefas é mais fácil você desenvolver na sala de aula do que mandar fazer em casa porque não vem, é como se esse momento aqui fosse somente nas quatro horas[...] como é que vou conseguir alfabetizar um aluno? Eu faço a leitura mostro, mas quando chega na casa não tem o intermédio dos pais. [...] um dos grandes desafios é essa questão desse domínio de leitura, isso acaba afetando não só a disciplina de língua portuguesa como as demais disciplinas que também serão sempre um fracasso.

6. NA SUA OPINIÃO, DE QUE FORMA A ESCOLA PODERIA CONTRIBUIR PARA MELHORAR O ENSINO?

R: Acho que seria primordial seria um projeto voltado a leitura da escola, com um profissional específico para trabalhar em contra turno. Se a escola tivesse esse intermédio desse momento para trabalhar o contra turno, usando as intermediações relacionadas as lendas regionais, aos contos regionais, tudo relacionado para chamar a

atenção como são feitos os projetos, seria muito mais interessante e eficaz para todos, iria ajudar tanto nós professores, quanto também e principalmente os alunos. Eu creio que seria a melhor maneira, porque a gente percebe muito que a família não quer mais ter essa responsabilidade, não todos porque não podemos generalizar porque sabemos que há pais aí que são presentes, estão sempre acompanhando. Mas há outros que não tem essa preocupação. Um dos pontos negativos que vejo na escola, do sistema é que aqui os alunos o pessoal do primeiro ao quinto ano, são series multisseriadas e isso acaba atrapalhando muito, pode ser o melhor professor, mas ele não vai conseguir. [...] Ter um rendimento 100% porque são turmas superlotadas 28 quase 30 alunos. Ai claro que quando chega lá no 6ºano vamos ter esse impacto porque a base não foi bem preparada. Se a base tivesse sido bem preparada quando chegasse aqui no 6º teríamos alunos fluentes em leitura, e hoje não temos, infelizmente essa é a questão.